

INVENTÁRIO ANALÍTICO DOCUMENTAL DO ACERVO DA CONFEITARIA NOGUEIRA

ANTÔNIO LUCIANO DA SILVA JÚNIOR¹;
NORIS MARA PACHECO MARTINS LEAL²:

¹Universidade Federal de Pelotas – antoniolucianodsj@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – norismara@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pelotas, hoje considerada a Capital Nacional do Doce, na segunda metade do século XIX, teve em sua forma de bem viver o estímulo ao consumo de doce, que era feito, a princípio, de maneira caseira, passando depois para a prática de venda de maneira informal, seja em ruas pelas quitandeiras, escravas de ganho, em tabuleiros e que, aos poucos, vai entrando nos estabelecimentos comerciais, que dessem conta de tempo e recursos na produção e divulgação desse bem, as chamadas confeitarias.

É importante salientar que essas confeitarias, “no final do século XIX e início do XX, vão aumentar em número, tornando- se um importante lugar de comércio e de socialização” (LEAL, 2019, p. 84), de modo que a vida social de pelotense dessa virada do século também pode ser vista pela ótica dos encontros e atividades sociais realizadas nesses locais e que servem de indícios de como se articulou as camadas da cidade que viria se tornar a Terra do Doce.

Outro ponto importante a pensar seria o contexto de *Belle Époque*, época em que o Brasil passava por trâmites civilizatórios inspirados, sobretudo, no estilo de vida, política e cultura francesa e que tinham na recém instaurada república brasileira seus vieses de modernidade. Nesse contexto, as confeitarias seriam “um ambiente no qual a elite podia exibir seus trajes de corte inglês e consumir, além dos doces finos, os produtos importados dispostos nas prateleiras” (MOTA; FERREIRA; LEAL, 2019, p. 06), não obstante, é viável pensar que essas confeitarias funcionam não apenas como ambiente de socialização, mas também como “um novo momento da forma de comercializar os doces e de sua expansão de consumo” (MOTA; FERREIRA; LEAL, 2019, p. 06), gerando o contexto em que a Confeitaria Nogueira seria inserida.

A Confeitaria Nogueira “foi inaugurada em 15 de julho de 1899. Foi o estabelecimento mais longevo do ramo, encerrando as atividades somente em 1982, após 83 anos de comércio” (CELENTE, 2024, p. 35). O espaço foi aberto pelo imigrante português Antônio Nogueira Sobrinho, que estabeleceu depois parceria com seu irmão, também recém chegado de Portugal, no começo do século XX, Manoel Nogueira, chegando a ter como futuro dono e sócio seu filho, Alfredo Nogueira, que seria o último a tomar conta do empreendimento. Foi famosa pelas matérias primas que comercializava, dentre elas licores, vinhos, açúcar refinado e doces finos, por exemplo; mas não apenas por isso, caracterizava-se também pela perícia dos confeiteiros, demonstrando que a sociedade pelotense, entrando na modernidade, estava consumindo não apenas doces, “mas também o *status* oferecido através deste serviço” (MOTA; FERREIRA; LEAL, 2019, p. 6) ao entrar numa perspectiva civilizatória de cultura e trato social.

A confeitaria também significou o estabelecimento de redes de distribuição, nacional e internacional, sobretudo de vinhos e outros tipos de materiais que

partiam de Portugal e França, assim como a comercialização de seus artigos para os Estados Unidos, Montevidéu, Buenos Aires, Rio de Janeiro e Porto Alegre, que poderiam ser tanto de forma terrestre, como aérea, mas também fluvial. Contudo, ao atravessar e ser testemunha das mudanças econômicas pela qual passava Pelotas no cenário local e internacional no decorrer do século XX, apesar da produção de doces e compotas ter seu auge, também ocorreu que “a indústria em grande escala estava em alta, as confeitarias não tinham mais espaço” (MOTA; FERREIRA; LEAL, 2019, p. 07). Diante disso, a confeitoria encerra suas atividades tendo sido testemunha de boa parte do desenvolvimento e oscilação econômica, social e cultural pela qual passou Pelotas desde o fim do século XIX até o crepúsculo do século XX.

Esses testemunhos podem ser encontrados na Coleção Confeitarias¹, localizada no Museu do Doce, a partir de um acervo doado em 2016 por Norma Nogueira, professora e viúva do último dono da confeitoria, Alfredo Nogueira. O acervo faz parte da subcoleção denominada “Confeitoria Nogueira”, que dispõe de recortes de jornais, cartas, licenças de exportação, convites, fotografias e outros documentos; o que possibilita a quem tem interesse investigar uma amplitude e maior diálogo entre as fontes, revelando diversos indícios acerca das redes de influência e socialização desse espaço.

Desse modo, a pesquisa, dentro de um museu, não se faz apenas pelo que tangencia a coleta de dados, mas a comunicação desses dados e a repercussão educativa que isso pode gerar. Estudar a história da Confeitoria Nogueira além de se obter informações acerca das transformações passadas pela cidade em quase um século e suas influências, significa entender como as articulações e narrativas são percebidas e tratadas hoje, tendo o museu como esse espaço de questionamento a partir do seu lugar social e cultural.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O trato documental feito pela investigação da coleção da Confeitoria Nogueira se deu através de um inventário analítico, que se caracteriza, sobretudo, pelo entrecruzamento de fontes e a análise de um extensa diversidade documental. O inventário analítico da Confeitoria Nogueira, ainda que seja permeado, em maior grau, pelas fotos, também analisa entrevistas feitas com Norma Nogueira, e outros documentos antes já citados, como recortes de jornal, licenças de importação, convites de reuniões, notas fiscais, etc.

Esse inventário, ainda em curso, tem como escopo o levantamento e análise da documentação que chegou ao acervo do Museu do Doce em 2016, entendendo sua tipologia documental, mas também registrando o contexto de criação desse documento, a data de criação, tipologia documental (se iconográfico ou textual), a origem (lugar de criação), o autor desse documento, em que condições se encontra e qual o assunto do documento. Destarte, é necessário afirmar que essa documentação também perpassa por um entrecruzamento de fontes orais e documentais que estão fora do acervo, além de bibliografia que possa dar sentido e base para o caminho que está sendo seguido na análise.

A importância do inventário analítico se dá, justamente, pelo confronto entre as fontes e a justaposição delas e um espectro mais amplo de produção, não

¹ Essas e outras coleções podem ser consultadas no site do Museu do Doce:
<https://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/acervos-e-colecoes/>

esquecendo quais as condições que a fizeram chegar no acervo. No caso da subcoleção Confeitaria Nogueira, essas informações são dispostas em uma descrição dos eventos e criadores que estão circundados os documentos. Os códigos de documentação seguem similares aos que já estão na própria documentação, pois a coleção já foi catalogada e fotografada, tendo os códigos “MDU” em suas marcas.

O inventário é registrado em papel seguindo o código e a ordem já catalogada do processo de chegada da documentação. Toda a documentação já se encontra digitalizada, também tendo as opções de consulta *in loco* desse acervo. Boa parte da coleção é composta por fotografias; porém podem ser encontradas notas fiscais, que atestam as atividades comerciais que a confeitaria tinha com outros países, como Portugal, Argentina e França; além de documentação pessoal, como registro de casamento de Norma e Alfredo Nogueira, o atestado de óbito de Manoel Nogueira, especificando as causas de sua morte, o registro de um pedido de aceite por parte do pai de Alfredo Nogueira - o último dono da confeitaria - a Confraria Portuguesa de Pelotas.

As fotos são bastante reveladoras de uma forma de organização social na confeitaria, desde de eventos políticos que ocorreram ali, como uma foto que demonstra um discurso da rádio RTF - 4, com a presença de advogados da época, conferido a partir da confeitaria e transmitido através da extinta rádio, até as fotos que demonstram a família em batizados, festa de comemoração dos 50 anos da Confeitaria Nogueira, como também imagens que atestem a presença de outros políticos, como o engenheiro civil e político brasileiro, Leonel Brizola, além da visita da Miss Brasil de 1957, Terezinha Morango que, ao lado de Tânia Bezerra, na época Miss Pelotas, ressalta o ponto de importância que essa confeitaria tem em Pelotas na época, a partir de sua projeção nacional.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O inventário analítico revelou aspectos dantes já conhecidos da Confeitaria Nogueira, não obstante, também traz para debate e análise outras discussões que rodeiam essa confeitaria e sua forma de contextualização no tempo em que funcionou. De fato, as fotos são bastante reveladoras e a presença iconográfica ressalta personalidades, lugares e momentos que talvez alguns textos possam não conotar, “como a visão é o sentido mais sensível e o que mais registra, recorremos à imagem para conservar a lembrança” (SILVA NERY; HUZSAR SCHNEID; MAZZUCCHI FERREIRA; FERREIRA MICHELON, 2019, p. 45). Assim, se atesta que a visão revela muitos indícios, não obstante, esses indícios devem ser atestados por outros olhares e, aí, cabe o papel de outros documentos.

Não obstante, a documentação analisada revelou quais aspectos faz a confeitaria ser essencial para a análise de um testemunho do desenvolvimento da cidade, para além disso questionar como esse movimento se deu, em que narrativas se apoiaram e quais resultados os diversos rótulos que advém com a efetiva construção de Pelotas, hoje, foram moldados. Desse modo, “para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte” (SANTOS, 2006, p. 213); dessa forma, o saber e sua construção partem de uma perspectiva regional, ou local, e buscam aderência em uma esfera de domínio maior, seja ela nacional ou global, que permite que esse conhecimento seja construído ou reanalizado, mas nunca dado como soberano e que se põe sempre é uma esteira dialógica.

Não obstante, também é necessário salientar que esse projeto irá alimentar, também, a documentação museológica do Museu do Doce, amparado no projeto já existente, ligado ao *Programa de Bolsas de Iniciação ao Ensino - Projetos*, a bolsa *Organização da Documentação Museológica do Museu do Doce da UFpel*. Diante do apresentado, apesar de um projeto que ainda está em desenvolvimento, o inventário já informou e ratificou informações pertinentes acerca da construção da memória a partir da Confeitaria Nogueira e sua posição no espaço doceiro de Pelotas. Outras formas de pensar nesses resultados seriam na construção da rede de articulação que essa confeitaria teve com outros lugares e na formação de novas narrativas para o lugar dessa e de outras confeitorias e de sua importância para a presente apresentação de Pelotas como Cidade do Doce.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Artigo

MOTA, Aline Regiane de Jesus; FERREIRA, Amanda Gonçalves de; LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **A Coleção Fotográfica da Confeitaria Nogueira do Museu do Doce da UFpel: Desafios e Processos**. Pelotas - RS, 2019

SILVA NERY, Olivia; HUZSAR SCHNEID, Frantieska; MAZZUCCHI FERREIRA, Maria Letícia; FERREIRA MICHELON, Francisca. **Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção**. Ciências Sociais Unisinos, vol. 51, núm. 1, janeiro-abril, 2015, pp. 42-51. Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil

Tese/Dissertação/Monografia

CELENTE, Cláudia Abraão dos Santos. **Doces encantos de Pelotas: um estudo das confeitorias dos séculos XIX e XX**. 2024. 63 f. TCC (Graduação em Museologia) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, 2024. Disponível em: <https://pergamum.ufpel.edu.br/pergamumweb/downloadArquivo?vinculo=RkRENkJGQVkyOWtSVzF3Y21WellUMHpOakltWVdObGNuWnZQVEV5TnpNeU5TWnpaWEZRWVhKaFozSmhabTg5TVNaelpYRIRaV05oYnowNEptdGhjbVJsZUQxT0pteHZZMkZzUVhKeGRXbDjejFEVDAxUVFWSIVTVXhJUVUxRIRsUIBKbTV2YIdWRFIXM>. Acesso em: 16 set. 2024.

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **A trajetória de uma construção patrimonial: a tradição doceira de Pelotas e antiga Pelotas na constituição do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas**. 2019. 291 f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.